

«LETRAS E LETRADOS»

15-V-1937

MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

16 de 22

lro e por fóra, o romance é actividade emotiva, sentimental. So descripção não basta. E preciso um pouco de contribuição pessoal, que é o que não existe neste livro de sr. Coriolano de Medeiros. "Manaira" chega por não ser espontânea. Os personagens movem-se como fantasmagoras. Como que electrificadas. As cenas imitam entre aquella avô e aquela neta, peçam pelo desenvolvimento mecânico. A velha fala como se estivesse em sonho. O neto responde em frases alucinadas de retórica, e com a preocupação de bem colocar os pronomes. É uma novela discursada. Ha discurso até nos momentos tragicos. Um trabalho solenne, emfim. Existem lugares-comuns, em cada duas paginas.

As phrases feitas são impuras. O autor, parece ter escrito o livro, sem vontade de trazer novidade. O sr. Manoel, é hoje colocado aqui e amanhã ali, como um boneco. O sr. Coriolano de Medeiros não é de hoje. É bem irónico do pioneiro sr. José de Alencar. E' irmão, o seu "Manaira", do "Tracoeira" e do "Ulirajara".

Aquellas penetrações audaces, aquelle cheiro continuo com o sertão barbaresco, aquellas luctas e sangues frios noite e dia contra o mundo abrupto, fazem pensar, do romance do sr. Coriolano de Medeiros, um livro heroico. Revivem ali as figuras espectraes de Oliveira Lede, Braz de Oliveira e Luiz Soares, os alagadotes das fronteiras parahybaras. A chegada do capitão-mór paulista Domingos Jorge Velho, é outro trecho interessante. Ha brilho na descripção, quando o mesmo dirige-se aos Palmareis, ostendo pela frente a rapidez e a hostilidade do sertão parahybano.

Respira-se no ultimo trabalho do sr. Coriolano de Medeiros, uma atmosfera de luta intensa. Homens graves e fortes. Brasileiros heróicos. Mulheres que deixam a acção pensando nesses dias incertos que se foram. Acreditando num futuro que já hoje é uma espedada realidade veloz...

Estamos cansados de ouvir dizer e repetir, que no Brasil, economico é "blague". Não ha duvida, que ha razão de sobra, para uma affirmação entristecedora, desde 1888. Tempos são dedicados ao estudo, não levando alguma im-

portancia, a tudo quanto possa dizer respeito ao nosso desenvolvimento valorativo.

Alberto Torres, iniciou pacientemente o movimento. E trouxe bons resultados, porque o que ali está é já um bom início. Mas, tudo quanto surgiu, inspirado na obra torresiana, não é nada de definitivo. Pelo contrario, cecia francamente ao prazer instantaneo dos acontecimentos politicos.

Em materia de economia, ainda não temos um firme ponto de referencia. Parece que nos faltam as linhas mestras, um fim, um angulo de convergencia por onde dizer. Avescunhamos, no entanto, em torno de programas e planos, em termo de esboços, cuja virtude unico, está em servir para o momento em que foram feitos.

Antes de resolvermos, algo sobre economia e finanças, temos necessariamente, de alisar, ou ter bases seguras para um estudo de nossa politica externa do ouro, que é o que não se dá, economicamente, não somos um país facilmente caracterizavel. Não nos avantajamos nem pela grande exportação, nem pela importação methodizada. Somos ainda daquelles em que a nação, com a organização de autarchias administrativas, delega a outros, sem controlar está claro, a incumbencia de gerir as finanças nacionais. E o meio de que lançam mão essas entidades particulares não são variadas, como as directorias que se succedem ao gosto da politica governamental e ao sabor das campanhas condemnativas aos programas que as orientam. É um facto communissimo do conhecimento de todos, O que fazemos é tentarmos e tentarmos sempre. Nada mais...

A. de Lima Campos — IMPRE-
SARIO ECONOMICO BRA-
SILEIRO — Livraria José
Olympio Editora.

É o livro de sr. Lima Campos, agora apparecido, não traduzido outro estado de espirito. Coloca-se, cremos certamente, entre os dois sectores de actividade economica: o Nacional e o Internacional. Economia deve ter um aspecto totalitario. Não ha na materia, um phenomeno que possamos chamar de Nacional, cuja orbita se restrinja unicamente ás nossas realida-

des. Economia não tem fronteiras. E, vamos dizer, medida de confronto, equilibrio e valorativo de interesses — essas opposições. Dahi, a impossibilidade de um fixamento de formulas completas e definitivas, como julga ser possível o sr. Lima Campos. Si ao menos fosse possível a existencia de um plano conjuntural seria bem mais facil, uma visão panoramica. "A ausencia dessa acção panoramica é a grande lacuna que exhibe a actualidade brasileira; falta tanto maior quanto contrasta com o que se está passando nas principaes nações do planeta". Sem dominio das forças activas da actual civilização, sem orientação e synthetização das forças disponiveis, não cremos ser plausivel, tomar caminhos que evitem a derrocada final.

As medidas adoptadas isoladamente, para attender a questões que são meros elementos de um conjunto, tem por vezes, ainda quando acertadas, a eficiencia pratica bastante diminuida, pela falta de synchronização dos factores interdependentes. E para isso, iremos buscar, nos elementos espaciaes, elementos cuja credencial unica é a competencia, no "trabalho cerebral", a vontade de organizar as peças da nossa administração economica, como pondera o sr. Lima Campos. Ora, isso não é verdade, como parece. Caso fosse a questão scante de cerebros, estava o problema satisfactoriamente resolvido. Predominam circunstancias criticas, outras circunstancias, que só o tempo e a paciencia resolve. Incluem outros phenomenos, como os morcos e os relogios, muito mais profundos que o economico, que elaboram verdadeiras construções sociais, cujo estudo só a historia e pôde fazer. O sr. Lima Campos acredita, e diz que, "qual todas as demais questões que vem preoccupando a nacionalidade são dependentes do problema economico". E confunde a causa, capacidade incrementativa com economicismo. Pode um país possuir, effluencia adequada ao seu desenvolvimento, hygiene, instrução, defesa nacional, capital, e ter embaraçada situação economica. O problema não está na capacidade tributaria que acarreta necessariamente boas disponibilidades economicas. Em tudo isso, é bem mais ir bem qual ao fundo, não se

LETRAS E LETRADOS 3

O Dia – 01 de abril de 1937.

O sr. Paulo Setúbal explorou entre nós uma verdadeira forma nova de literatura. Fez de fatos históricos conhecidos, das pesquisas sobre a nossa vida colonial, dos materiais em abundância que estudiosos como Capistrano de Abreu, Rocha Pombo e Alberto Rangel trouxeram modestamente à luz, o romance da existência passada do Brasil. É o Brasil que revive, é a alma do nosso povo entre as angústias dos acontecimentos políticos, as peculiaridades características de nossa gente, a luta contra o meio agreste, as investidas contra o sertão, as penetrações audaciosas, aventuras por sobre aventuras que fazem dos livros do sr. Paulo Setúbal autênticos sucessos literários.

Outro, o sr. Viriato Corrêa, já não foi tão feliz. Não soube encontrar na fertilidade de fatos do nosso passado um motivo que o afirmasse definitivamente no gênero do sr. Paulo Setúbal. O seu “Balaiada” é sugestivo, mas falta, como em toda obra do sr. Viriato Corrêa, domínio completo sobre os materiais em jogo. Há elementos que urgem ser explorados, como também outros elementos que urgem ser afastados e até esquecidos como perniciosos ao desenvolvimento de um bom romance ou novela. O elemento é que faz a obra. O romancista ou o novelista é um simples coordenador e ordenador desses elementos. Principalmente tratando-se do gênero histórico, não podemos sequer abandonar um só elemento,

porque tudo quanto possamos ter em mão é necessariamente material de contribuição indispensável.

Por outro lado, a nossa história é feita em etapas e está cheia de imprevistos. É bem difícil, ao observador inexperiente, ligar um fato ao outro sem encontrar dificuldades circunstanciais. Ao exemplo da colonização holandesa, vemos autores que a consideram notabilíssima. E outros que a condenam por haver cerceado o desenvolvimento do espírito nacional. Se, da mesma forma, apreciando a nossa evolução de povo, detivermo-nos frente aos elementos formadores da nacionalidade, seremos obrigados a reconhecer que a opinião formada é tão variável que é quase de todo impossível, em definitivo, dizer algo sobre eles. Vivemos de apalpadelas, e isso não nos atrasa, no ponto de vista cultural, porque os resultados são mais satisfatórios e reais.

A literatura agita-se nessa indecisão de opiniões, tornando impossível à crítica um cerrado critério de apreciação de fatos do passado histórico brasileiro. E isso nos obriga a uma condescendência peculiar ao espírito analítico. Não devemos abandonar a boa vontade e examinar o que surge, em relação da imprecisão dos elementos que possuímos em abundância. Fazendo seleção aos valores exponenciais, aos valores que n'outro tempo já foram básicos.

Coriolano de Medeiros – MANAÍRA – Novela histórica

Comp. Melhoramento de São Paulo

O sr. Coriolano de Medeiros não é bem um romancista. Nem tampouco um novelista completo. Sabemo-lo um rebuscador audacioso dos fatos paraibanos. E, como fala um seu admirador, que é o notável sr. Affonso de Taunay, “preso ao seu torrão natal, pelo coração e pelo cérebro, estudou-lhe os fatos com o carinho, o cuidado, o entusiasmo do afeto filial. Rebuscou-lhe o passado e observa-lhe o presente com a atenção de fervoroso apaixonado. E este sentimento domina-lhe toda a avultada obra onde tanta coisa valiosa existe,

quer em volume autônomo, quer nas páginas de publicações especializadas”. Tendo esse “Manaíra” em mão, a gente não sabe o que pensar das palavras bondosas do sr. Affonso Taunay. Não negamos valor intelectual ao sr. Coriolano de Medeiros. É apenas um novelista sem grandes recursos técnicos, desses que pouco sabem aproveitar do enorme material que foram aos poucos adquirindo no estudo metódico e na observação aguçada. Pelo seu desenvolvimento, “Manaíra” dá a impressão desses romances de aventuras publicados parcialmente em folhetins isolados. Não que o sr. Coriolano de Medeiros faça má literatura. Tão ao somente porque ainda obedece àquelas antigas regras gramaticais do velho romance, que tornam a leitura quase uma obrigação. A leitura moderna não adapta mais os recursos do “bonito”, os enfeites de retórica frouxa. Ela desviou do academicismo para quase um completo populismo. É uma expressão de sentimentos reais, não só descritiva, mas temática. Há um motivo, orientando o romance. As coisas literatilizadas, para usarmos de uma expressão feliz do sr. Tristão de Athayde, foram já totalmente afastadas. O que se quer é possuir a realidade. E humanizar a língua contra o próprio ortodoxismo lingüístico. Por dentro e por fora, o romance é atividade emotiva, sentimental. Só descrição não basta. É preciso um pouco de contribuição pessoal, que é o que não existe nesse livro do sr. Coriolano de Medeiros. “Manaíra” choca por não ser espontâneo. Os personagens movem-se como fantasmas. Como que eletrizados. As cenas iniciais entre aquela avó e aquele neto pesam pelo desenvolvimento mecânico. A velha fala como se estivesse em sonho. O neto responde em frases alucinadas de retórica e com a preocupação de bem colocar os pronomes. É uma novela discursada. Há discurso até nos momentos trágicos. Um trabalho solene, enfim. Existem lugares comuns, em cada duas páginas.

As frases feitas são inúmeras. O autor parece ter escrito o livro sem vontade de trazer novidade. O seu Manoel é hoje colocado aqui e amanhã ali, como um boneco. O sr. Coriolano de Medeiros não é de hoje. É bem irmão do pioneiro sr. José de Alencar. É irmão, o seu “Manaíra”, do “Iracema” e do “Ubirajara”.

Aquelas penetrações audaciosas, aquele choque contínuo com o sertão bárbaro, aquelas lutas e sangue frio noite e dia contra o meio abrupto fazem,

porém, do romance do sr. Coriolano de Medeiros, um livro heróico. Revivem aí as figuras espectrais de Oliveira Ledo, Braz de Oliveira e Luiz Soares, os alargadores das fronteiras paraibanas. A chegada do capitão-mor paulista Domingos Jorge Vieho, é outro trecho interessante. Há brilho na descrição, quando o mesmo dirigia-se aos Palmares, sentindo pela frente a rispidez e a hostilidade do sertão paraibano.

Respira-se no último trabalho do sr. Coriolano de Medeiros, uma atmosfera de luta intensa. Homens graves e fortes. Brasileiras heróicas. Mulheres que deixam a gente pensando nesses dias incertos que se foram. Acreditando num futuro que já hoje é uma esplêndida realidade solar...

Estamos cansados de ouvir dizer e repetir que, no Brasil, econômico é “blague”. Não há dúvida de que há razão de sobra para uma afirmação entristecedora, desse jaez. Temos sido descuidados ao extremo, não ligando mínima importância a tudo quanto possa dizer respeito ao nosso desenvolvimento valorativo.

Alberto Torres iniciou parcamente o movimento. E trouxe bons resultados, porque o que aí está é já um bom início. Mas, tudo quanto surgiu, inspirado na obra torreana, não é nada de definitivo. Pelo contrário, oscila francamente ao prazer inconstante dos acontecimentos políticos.

Em matéria de economia, ainda não temos um firme ponto de referência. Parece que nos faltam as linhas mestras, um fim, um ângulo de convergência por assim dizer. Aventuramos nosso povo em torno de programas e planos, em torno de esquemas cuja virtude única está em servir para o momento em que foram feitos.

Antes de resolvermos algo sobre economia e finanças, temos, necessariamente, de alicerçar ou ter bases seguras para um estudo de nossa política externa do ouro, que é o que não se dá. Economicamente, não somos um país facilmente caracterizável. Não nos avantajamos nem pela grande exportação, nem pela

importação metodizada. Somos ainda daqueles em que a nação, com a organização de autarquias administrativas, delega a outros, sem controlar, está claro, a incumbência de gerir as finanças nacionais. E o meio de que lançam mão essas entidades particulares são tão variáveis como as diretorias que se sucedem, ao gosto da política governamental e ao sabor das campanhas condenativas aos programas que as orientam. É um fato comuníssimo do conhecimento de todos. O que fazemos é tentar e tentar sempre. Nada mais...

A. de Lima Campos – IMPERATIVO ECONÔMICO BRASILEIRO
Livraria José Olympio Editora

E o livro do sr. Lima Campos, agora aparecido, não traduz outro estado de espírito. Coloca-se, cremos erradamente, entre os dois setores de atividade econômica: o nacional e o internacional. Economia deve ter um aspecto totalitário. Não há, na matéria, um fenômeno que possamos chamar de nacional, cuja órbita se restrinja unicamente às nossas realidades. Economia não tem fronteiras. E, vamos dizer, medida de confronto, equilíbrio e valorativo de interesses reais opostos. Daí a impossibilidade de um fixamento de fórmulas completas e definitivas, como julga ser possível o sr. Lima Campos. Se ao menos fosse possível a existência de um plano conjuntural, seria bem mais fácil uma visão panorâmica. “A ausência dessa ação panorâmica é a grande lacuna que exhibe a atualidade brasileira; falta tanto maior quanto contrasta com o que se está passando nas principais nações do planeta”. Sem domínio das forças ativas da atual civilização, sem orientação e sistematização das forças disponíveis, não cremos ser plausível tomar caminhos que evitem a derrocada final.

“As medidas adaptadas isoladamente, para atender a questões que são meros elementos de um conjunto, têm por vezes, ainda quando acertadas, a eficiência prática bastante diminuída pela falta de sincronização dos fatores interdependentes”. E, para isso, iremos buscar, nos elementos capazes, elementos cuja credencial única é a competência no “trust de cérebros”, a vontade de organizar as peças da nossa

administração econômica, como pondera o sr. Lima Campos. Ora, isso não é verdade, como parece. Caso fosse a questão somente de cérebros, estava o problema satisfatoriamente resolvido. Predominam circunstâncias críticas, outras graciosas, que só o tempo e a paciência resolvem. Influem outros fenômenos, como os morais e os religiosos, muito mais profundos que o econômico, que elaboram verdadeiras construções sociais, cujo estudo só a história pode fazer. O sr. Lima Campos acredita e diz que “quase todas as demais questões que vêm preocupando a nacionalidade são dependentes do problema econômico”. E confunde, então, capacidade orçamentária com economismo. Pode um país possuir educação adequada ao seu desenvolvimento, higiene, instrução, defesa nacional capaz e ter embaralhada situação econômica. O problema não está na capacidade tributária que acarreta logicamente boas disponibilidades orçamentárias. Em tudo isso, é bem útil ir bem mais ao fundo, não ficar no raso de superfícies escusas. No caso do Brasil, e muita razão tem o sr. Campos, é de premente necessidade: 1) atrair o capital externo para a exploração de riquezas potenciais; 2) encorajar o capital nacional invertido na produção; 3) racionalizar a produção industrial, agrícola e extrativa; 4) incentivar a poliprodução, organizar o crédito, racionalizar a aparelhagem administrativa e aumentar o mais possível a cooperação federal, estadual e municipal. E, primeiro de tudo, obedecendo uma continuidade política, indispensável à boa solução dos grandes problemas que afetam a vida dos povos e das nacionalidades.

O trabalho do sr. Lima Campos coloca em foco questões um tanto esquecidas pelos nossos homens de governo. Consciente, pouco revolucionário, foge sempre das soluções doutrinárias para o campo da prática. Neste ponto é que o condenamos, não sem aconselhar ao leitor a sua leitura, porque nele muito de útil podemos aprender, devido à simplicidade com que o sr. Campos aborda a política cambial, a legislação bancária, o caso do café, etc., etc.

Não sei se será audácia afirmar a existência de uma literatura paranaense. Há momentos em que acreditamos que ela existe. E com razão. O que se fez até

hoje, com raras exceções, é que dá motivo ao ceticismo exagerado. A não ser trabalhos intelectualizados puros como obra de estudo, o mais no campo da ficção, temos sido um fracasso estupendo, isto desde o ficcionismo de Rocha Pombo até essas novelinhas mal cheirosas de escritores improvisados.

Leônidas de Loyola – ÁLBUM DE FIGURAS

2.^a Edição – França & Cia. – Curitiba

O sr. Leônidas de Loyola, ao menos, é um homem que estuda e trabalha. Tal mérito ninguém lhe pode negar. É desses que, isolados, afastados, vão criando um ambiente incentivador para si próprio, um verdadeiro mundo à parte. Os seus trabalhos são composições totais. Depois de feitos, é junto ao tipógrafo, ao impressor e encadernador que ele se agita, cuidando, vendo defeitos, evitando erros, orientando e dirigindo. Entusiasta e sempre animado, ainda não descrê das forças intransponíveis da verdadeira inteligência. Basta, para um homem de ideais, o mérito do trabalho.

O bandeirantismo é um fato discutido. Sobre a expansão geográfica do Brasil do primeiro século, as opiniões são tão variáveis que não chegamos a tirar conclusões completas ou acertadas. A fantasia é que tem mais influenciado nesses estudos. Orville Derby, falando sobre a bandeira de Nicolau Barreto em 1603, o veneziano Coronelli, na era seiscentista, imaginando afluentes invisíveis do Rio S. Francisco, criaram uma literatura imaginária, de afirmações incertas, sofismáveis e duvidosas. Ainda mais quando se tratava de traçar roteiros e apontar a caminhada das bandeiras nacionais, a dificuldade aparecia por ser difícil ao certo dizer que um Fernão Dias Paes, em sua jornada esmeraldina, galgou a garganta do Embaú, depois de atravessar os serros do Itacambira.

Affonso de E. Taunay – ENSAIO DE CARTA GERAL DAS
BANDEIRAS PAULISTAS – 2.^a Edição – Comp. Melhoramentos de S. Paulo

A esse respeito, o sr. Affonso de E. Taunay acaba de reeditar um notabilíssimo trabalho. Um estudo verdadeiro que espanta e conforta, um resumo completo do que foi a expansão geográfica brasileira entre 1500 e 1177, com uma certeza científica de embasbacar. Não é absolutamente trabalho improvisado. Os estudos do sr. Taunay já vêm de longe. E não vejo, a esse respeito, esforço que possa exceder a esse ensaio geral. E, ainda assim mesmo, escreve: “No nosso desvalioso Ensaio, procuramos condensar as indicações dos velhos cronistas como Pedro Tacques e Frei Gaspar da Madre de Deus, dos autores jesuíticos de antanho como Techo Jarque, Charlevoix e tantos outros mais, dos escritores platinos e paraguaios, os ensinamentos dos mestres como Varnhagem e Capistrano de Abreu e tantas outras autoridades brasileiras, ajuntando-lhes os resultados das pesquisas modernas e contemporâneas”. Não vejo, com franqueza, trabalho mais útil em toda já apreciável obra do sr. Taunay. Esse rebuscador formidável do passado paulista merece o apreço indefectível da crítica. E este trabalho formidável, o elogio grato. Trabalho que é um esforço incalculável pelo tempo que levou para ser organizado. Trabalho que é uma vida, tamanho são os dados coletados, tão impressionante o material científico e técnico em ação.